



Encenação da peça *Quem Descobriu o Amor* do grupo Tribo do Teatro

Educação contra a violência

O caderno Civilização apresenta uma edição especial com experiências bem sucedidas no combate à truculência nas escolas

É possível conter a onda de violência nas escolas? Sempre que se falava em cultura, Goebbels, o responsável pela propaganda nazista, costumava puxar o revólver. Pois bem, sempre que alguém fala em revólver e violência, nós sacamos a cultura. É muito difícil que um adolescente ligado à cultura esteja envolvido com a violência. Cultura é quase que o contrário de violência. A cultura é um agente civilizador. O caderno Civilização dedica a edição desta quarta temática para mostrar que o problema da violência nas escolas tem solução. Nós respondemos à pergunta formulada no primeiro parágrafo não com especulações teóricas, mas sim com iniciativas e projetos bem sucedidos de intervenção contra a violência nas escolas. Em todas estas iniciativas e projetos a cultura ocupa o primeiro

plano. É claro que não existem soluções mágicas. Mas esses projetos revelam que a cultura é capaz de deflagrar mudanças em situações aparentemente irreversíveis.

No Centro de Ensino 507 de Samambaia uma proposta muito simples e eficaz, que nasceu da iniciativa de um grupo de professores, conseguiu reduzir significativamente a violência na escola. Os alunos foram mobilizados para melhorar o ambiente físico da escola de uma maneira criativa, trocando a picheação pelo grafite, o vandalismo pela arte, a depredação pelo esporte. Um dos mais temidos líderes de gangue se transformou em presidente do grêmio.

Em Ceilândia, Varjão do Torto e Guariroba, o projeto Se Liga Galera está realizando uma intervenção de cidadania nas escolas,

com apoio da Sasse Seguros. O projeto tem constatado que uma das grandes causas da violência que os jovens da periferia exercem na escola é a truculência de que são vítimas em suas próprias casas.

Um dos fatos culturais mais relevantes da década de 90 é o surgimento de uma série de projetos de organizações não-governamentais que tem como alvo uma educação para a cidadania. Nada a ver com o panfletarismo que marcou grande parte da produção cultural dos anos 60. São intervenção marcadas pelo humor, irreverência, invenção.

E, nesse sentido, a peça *Cuida Bem de Mim*, dirigida por Luiz Marfuz, constitui uma experiência das mais bem sucedidas de educação para a cidadania. *Cuida Bem de Mim* nasceu de um desafio da Secretaria de Educação de Salva-

dor, que encomendou ao Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, uma peça de teatro para discutir o tema da depredação nas escolas da rede pública de ensino estadual.

Quando se falou em uma peça sobre depredação de escolas, muitos comentaram: lá vem caretice, lições de moral e cívica. Mas quem assiste a esta peça com esta expectativa quebra a cara. A peça projeta cenas reconhecíveis no cotidiano da maioria das escolas: descaso, falta de diálogo com os jovens, ensino burocrático, massificação. O segredo da peça está em conseguir cruzar a questão afetiva e a questão pública. A menina mais CDF e o sujeito mais bandalho da classe se apaixonam e mudam a vida da escola. *Cuida Bem de Mim* funcionou como agente deslizador de transformações nas escolas de Salvador, através de uma

série de ações complementares envolvendo alunos, professores e funcionários. A peça permaneceu em cartaz por três anos no circuito comercial dos teatros de Salvador.

Em Salvador, o Cria - Centro de Referência Integral para a Adolescência utiliza o teatro para mobilizar alunos, professores e funcionários das escolas da rede pública para o debate sobre sexualidade, auto-estima, Aids, identidade, etnia, integração comunitária. O Cria mostra que a arte pode ser uma poderosa arma de consciência. Todas estas experiências constituem sinais alentadores. Mas o enfrentamento real da violência nas escolas passa por políticas públicas para os adolescentes, projetos de arte, espaço de diálogo e participação, criação de espaços de lazer, incorporação do esporte como instrumento de educação, ativida-

des comunitárias. Ou seja: o enfrentamento da violência pressupõe uma nova escola, uma escola que seja espaço de prazer e realização. Na França, depois da chacina provocada por estudantes em um colégio dos Estados Unidos, a imprensa promoveu um amplo debate sobre a violência na escola. O Brasil também devia dedicar algum espaço de reflexão ao problema porque ele é muito grave. A escola é a última possibilidade de se reverter a violência. O que está em jogo é o próprio destino do País. É inadmissível que alunos e professores sejam vítimas de atos de truculência no espaço da escola. Se a escola se transforma em espaço da violência de que maneira será possível escapar da barbárie?